Cartagena envia aos Sete mensagem dos endividados

A adequação do serviço da dívida à capacidade real de pagamento dos países endividados e a limitação rigorosa dos *spreads* são os itens relevantes da mensagem que os integrantes do grupo de Cartagena enviaram às sete nações mais industrializadas do Ocidente, que começam em Veneza, na segunda-feira, seu encontro de cúpula. A mensagem é assinada pelo presidente uruguaio, Júlio Sanguinetti, em nome dos devedores latino-americanos, incluindo o Brasil.

Ela traz a repetição do pedido de tratamento político da dívida externa, formulado em conjunto pouco antes da reunião de cúpula do Grupo dos Sete em 1984, em Londres. Naquela ocasião, falando em nome dos ricos, a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher não só refutou essa tese, insistindo no tratamento caso por caso do problema da dívida, como ainda recomendou aos endividados que vendessem algumas de suas empresas lucrativas.

Reunidos dez dias atrás no México, para a elaboração da mensagem, representantes de diversas chancelarias latino-americanas nada produziram de extraordinário, além de se queixar das taxas de juro internacionais, do protecionismo dos países desenvolvidos e das escassas possibilidades de obtenção de novos empréstimos. A conclusão: fórmulas tradicionais de tratamento do problema do endividamento não são mais utilizáveis diante do gigantismo da crise.

Em Brasília, as preocupações estavam dirigidas sobretudo para as conseqüências da saída de Paul Volcker do *Federal Reserve*, nos EUA. Atribui-se sua queda, em parte, às tensões surgidas depois que Volcker praticamente obrigou os principais bancos americanos a participarem de um pacote de reescalonamento da dívida mexicana. O Plano Baker (que prevê um considerável aumento de empréstimos de instituições comerciais a países endividados) teve forte inspiração de Volcker, e a recente medida anunciada pelo Citicorp, aumentando suas reservas frente a débitos do Terceiro Mundo, logo seguida por outros grandes bancos, significa praticamente o fim do Plano Baker.

"Para nós é fundamental agora aguardar o que o novo homem do *Fed* pensa de tudo isso. Volcker tinha uma personalidade muito forte e era bastante influente. Ele era peça central no problema da dívida", comentou uma alta fonte do governo brasileiro.